

# A INSERÇÃO DE TEMAS TRANSVERSAIS EM SAÚDE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Originals



ALAN GOULARTE KNUTH <sup>1</sup>  
MARIO RENATO AZEVEDO <sup>1</sup>  
LUIZ CARLOS RIGO <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Centro de Pesquisas Epidemiológicas / Universidade Federal de Pelotas

<sup>2</sup> Escola Superior de Educação Física/ Universidade Federal de Pelotas

## Resumo

Palavras-Chave  
Saúde, Escola,  
Educação Física

**Resumo:** Apesar de o termo saúde normalmente estar presente nas aulas de Educação Física, existem controvérsias sobre como a saúde pode e vem sendo tratada pela Educação Física na esfera escolar. Tais questões estão associadas, de alguma forma, a pelo menos três quesitos: a forma teórica como os conteúdos são abordados, a superficialidade com que é tratado o conceito de saúde e a existência, no âmbito da Educação Física brasileira, de uma epistemologia de segregação, que remete a uma dualidade entre Ciências Biológicas e Ciências Humanas. Neste ensaio, o objetivo é propor uma reflexão a partir de uma experiência docente que visou problematizar questões de saúde em aulas de Educação Física. As intervenções ocorreram durante o estágio supervisionado de conclusão de curso da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, durante o ano de 2006, junto a uma turma feminina do terceiro ano do ensino médio em uma escola pública da cidade de Pelotas, RS. Essa experiência discente/docente ajudou a colocar o tema saúde no ambiente escolar em uma posição de importância.

## Abstract

Keywords  
Health, School,  
Physical  
Education.

### THE INCLUSION OF TRANSVERSAL THEMES ON HEALTH IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

Despite the term health being usually present in Physical Education classes, there are controversies on how health should be discussed by Physical Education at the school environment. Such doubts are related to at least three aspects: doubts on the best theoretical basis for approaching health topics, the lack of deepness on the concept of health in the context of Physical Education, and the epistemology of segregation, which leads to a duality between biological and human sciences. In this essay, we analyze an experience of including health in the daily routine of Physical Education classes. Interventions took place as part of the requisites for finalizing the Physical Education School at the Federal University of Pelotas, Brazil, in 2006. Interventions were carried out with a group of females, from the 11th grade of a public school in Pelotas, Brazil. This experience helped giving importance to the theme 'health' in the school environment.

## Introdução

A utilização de conteúdos referentes à saúde nas aulas de Educação Física é uma prática bastante recorrente, o que não minimiza a complexidade do assunto, principalmente se forem levadas em conta as discussões e controvérsias existentes sobre o mesmo. Dessa forma, as principais inadequações perpassam fundamentalmente três eixos teóricos: a superficialidade como são tratados os conceitos de saúde (principalmente pela redução do conceito de saúde apenas à sua dimensão biofisiológica); a predominância da abordagem teórica para tratar esses conceitos, o que acaba por afastar a Educação Física de uma de suas singularidades fundamentais, que é a sua intervenção direta com o corpo e com o movimento dos alunos; e o que pode ser denominado de epistemologia da segregação, que divide e fortalece uma posição de cisão entre os conhecimentos biológicos e aqueles oriundos das Ciências Humanas, tanto na formação como na atuação no âmbito da Educação Física. Esses três eixos constituem o plano teórico central que irá servir de referência para esta reflexão.

O objetivo deste ensaio é relatar experiências docentes que se pautaram pela intervenção de temas em saúde e discuti-las à luz dos discursos existentes na área de Educação Física, sobre o conceito de saúde (BAGRICHEVSKY et al., 2006), fazendo um deslocamento do plano meramente discursivo (teórico) e problematizando o conceito de saúde, tendo como referência uma prática não plenamente discursiva nas aulas de Educação Física. As reflexões tomaram por base as atividades de ensino direcionadas ao público escolar. As intervenções foram conduzidas para escolares do terceiro ano do ensino médio, do sexo feminino, em uma escola pública na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, e essas ações fizeram parte do estágio supervisionado de conclusão de curso de Educação Física na Universidade Federal de Pelotas, realizado durante o segundo semestre letivo do ano de 2006.

### 2. Relação do tema com a prática de ensino

A experiência docente ocorreu com uma turma de adolescentes entre 16 e 18 anos. A escola opta por separar os alunos por sexo nas aulas de Educação Física; assim, cerca de 20 alunas participaram das aulas. A proposta de ensino contemplou três aulas semanais, com duração máxima de 45 minu-

tos, e o estágio supervisionado (prática de ensino) se estendeu por três meses.

Visando não desconsiderar o cronograma da disciplina de Educação Física, que previa o conteúdo de futsal para as alunas do terceiro ano, foi sugerido que se trabalhassem temas transversais em saúde nas aulas de segunda-feira, dia no qual, segundo a proposta da escola, o tema era livre, sem um conteúdo específico estabelecido. Essa proposta foi apresentada e debatida com as alunas que iriam fazer as aulas, com o setor de orientação pedagógica da escola e com a supervisão de estágio.

Sobre a relevância e legitimidade do assunto proposto, cabe salientar que os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) alocam uma parte dos conteúdos ao que denominam temas transversais e a saúde (COOPER; SAYD, 2006), onde estes devem incluir também as outras disciplinas, caracterizando um enfoque interdisciplinar. Sendo assim, o propósito foi trabalhar com temas relevantes que possuíssem uma relação com a Educação Física e com a saúde e que fossem capazes de despertar o interesse da turma. Apresentouse, então, às alunas um roteiro com a sugestão de alguns conteúdos; outros temas foram sugeridos pela turma e, a partir dessa troca, foi composta a proposta de trabalho.

A intenção de trabalhar um leque amplo de conteúdos, mencionados no roteiro, partiu de uma avaliação feita do contexto da realidade da escola e das alunas, onde foram levados em conta aspectos como: a idade e a série das alunas (todas do 3º ano do ensino médio); o contato que elas já possuíam com a cultura das academias de ginástica, assunto corriqueiro entre os jovens das médias e grandes cidades; a questão de dietas alimentares; e as preocupações com a estética corporal, outro assunto recorrente na adolescência e amplamente discursado na mídia.

Feito um diagnóstico da turma e dos assuntos considerados mais apropriados, estabeleceu-se uma série de temas geradores para serem trabalhados em aula; por exemplo: as academias de ginástica e musculação, o culto ao corpo, a caminhada e as dietas alimentares. A maioria desses temas estão em ampla difusão entre os jovens e, como observam Azevedo, Araújo e Pereira (AZEVEDO et al., 2007), são atividades físicas importantes para a adolescência e com potencial a ser desenvolvido e otimizado na escola.

Como esses assuntos trazem expectativas do estagiário-professor e outras das alunas, procurou-se não os levar prontos, acabados, mas apenas encaminhados, com o propósito de iniciar e fundamentar uma discussão, que poderia se ampliada e adaptada às propostas e interesses das alunas.

Outro ponto considerado foi o fato de que, por se tratar de uma turma de terceiro ano, período escolar próximo ao vestibular, algumas alunas poderiam se interessar por cursos da área da saúde ou pela própria Educação Física; assim, elas também poderiam ter interesse por conteúdos mais específicos, como obesidade, índice de massa corporal (IMC), medição da pressão arterial, sedentarismo em adolescentes, entre outros.

### **3. Saúde na escola – o alvo das críticas**

A possibilidade de incluir aos conteúdos tradicionais de Educação Física temas em saúde nem sempre é consensual. Muitas críticas fazem dessa proposição um desafio. Assim, ao levar para a escola a discussão Educação Física e saúde, deve-se enxergar e compreender alguns aspectos marcadores desse processo. Estão destacados nos próximos itens: a concepção de saúde, o modo como se irá trabalhar o conteúdo e certa cisão da área que ocasiona uma insuficiente comunicação nas subáreas que constituem a Educação Física.

#### **3.1 Aulas teóricas**

Uma parte da crítica vinculada aos agentes interventores do esquema Educação Física e saúde na escola salienta que tais sujeitos acabam por fazer das aulas de Educação Física espaços meramente informativos, onde a peculiaridade do movimento torna-se omissa frente à predominância de informações e dados sobre o corpo humano e seu funcionamento. Nas aulas aqui em questão, o tema da saúde não foi visto como um conteúdo isolado, mas como um tema associado aos conteúdos mais clássicos da Educação Física, como o esporte, o jogo, a dança e a ginástica.

Outras possibilidades para abordar a saúde na escola (também utilizadas nesta experiência) são: apresentar esses conteúdos em dias de chuva, em atividades extraclasse, sob forma de oficinas, teatro, apresentação de telejornal, mimetização de tribunal, jornais e filmes. Tais estratégias metodológicas criam também um espaço, dentro das aulas de Educação Física, que valoriza a interdisciplina-

ridade e as práticas do trabalho coletivo, e envolve as tomadas de decisões em grupo e a participação dos alunos nos processos de construção do conhecimento.

Um dos conteúdos abordados no período de estágio, aqui tomados como um exemplo ilustrativo foi a caminhada. Para trabalhar esse conteúdo, apresentaram-se algumas condições importantes para o ato de caminhar, como segurança, conforto, e delas partiram questões específicas, como postura, gasto energético, etc. Foram explicados, demonstrados e praticados também alguns alongamentos básicos a serem realizados antes e depois da caminhada. Foi uma aula informativa com características práticas, como a demonstração de um monitor cardíaco, onde se explicou rapidamente o que se espera acontecer com a frequência cardíaca da pessoa envolvida na atividade. Essas informações biológicas mais detalhadas aconteceram junto com conversas sobre como tornar o exercício mais ou menos seguro e atrativo, com o alerta sobre a falta de espaços públicos para o lazer na cidade e sobre as condições econômicas necessárias para a realização dessa atividade. Após o encontro, avaliou-se o quanto uma simples aula sobre caminhada pode ser planejada com mais criatividade do que simplesmente completar voltas na pista de atletismo, cronometrando o tempo.

A experiência realizada com a caminhada tomou como base algumas sugestões feitas por Ferreira (FERREIRA, 2001), quando ele comenta sobre como trabalhar o conteúdo corrida, englobando conteúdos de fisiologia, biomecânica, anatomia e nutrição (condições de hidratação para fazer o exercício, monitoramento da frequência cardíaca), associando a ele conteúdos da ecologia, da política, da sociologia, etc. e trazendo, para serem discutidas, questões como a falta de segurança e as condições ambientais (poluição), além das condições de iluminação para a prática de corridas e caminhadas.

#### **3.2 Epistemologia da segregação**

As controvérsias epistemológicas mostram que é praticamente inviável tentar enquadrar a Educação Física somente em um campo de conhecimento, seja na área da saúde, na área da educação ou mesmo como lazer. Por outro lado, avalia-se que existe o risco de haver fragilidade caso não se consiga estabelecer relações mais orgânicas entre as

diversas áreas que compõem esse campo de formação e atuação. As visões sectárias e reducionistas, que ainda existem na área, muitas vezes dificultam os desafios de pensar ações interligadas.

As formas mais correntes do debate acadêmico geralmente impossibilitam um diálogo mais profícuo. Há um receio de estabelecer relações e conexões entre áreas distintas e, com isso, permanece distante a possibilidade de se aproximar de posturas epistemológicas menos reduzidas, como é, por exemplo, o que Edgar Morín (MORÍN, 2005) denominou como um paradigma da “complexidade”, ou um pensamento “complexo”. Ao contrário, tudo indica que predominantemente se continue insistindo em produzir conhecimento na forma denunciada por Morín (MORÍN, 2003), onde os “focos de estudo segregam os seres humanos, investigando-os em parcialidade, por campos de interesse, descaracterizando sua complexidade, fisiológica, psicológica, filosófica, entre outras, a qual é sua matriz formadora”.

Modificar essa realidade demanda desafios que atravessam tanto as práticas e os discursos do mundo acadêmico (graduação e pós-graduação), como o universo da Educação Física escolar. Assim, ao estabelecer uma proposta de inserção de temas de saúde na grade de currículos escolares, o desafio colocado é o de atenuar o distanciamento das matrizes dos diferentes campos do conhecimento a partir de uma prática envolvente, que se paute por atribuir sentidos, não com o propósito de universalizar pensamentos, mas, ao contrário, visando fortalecer o diálogo a partir de uma postura crítica e desafiadora.

### 3.3 Conceito de Saúde

A proposta utilizada consiste em fazer do conceito de saúde uma ferramenta, uma estratégia capaz de estabelecer um diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento de que é composta a Educação Física, enfatizando suas positivities, pois se consideram esgotados os discursos que ficam centrados apenas na crítica à Educação Física biologicista, já que eles tendem a reforçar um dualismo entre os conhecimentos biológicos e os denominados conhecimentos oriundos das Ciências Humanas. Sabe-se da importância de refletir sobre a visão epidemiológica do que significa ser sedentário (BAGRICHEVSKY et al., 2007), saudável e no que se constitui a saúde. Muitas vezes,

a saúde debatida no espectro da Educação Física se fragiliza em função da limitação teórica de sua compreensão; é mais promissor, entretanto, procurar atenuar essa barreira, do que se limitar à crítica. Enxergar as limitações não pode ser um entrave para a prática, e sim um impulso no sentido de propor avanços.

Nas intervenções realizadas, procurou-se pôr em prática um conceito amplo de saúde, concebendo o objetivo da Educação Física para além da aptidão física. Entre os autores usados como referência estão Rouquayrol e Almeida Filho (ROUQUAYROL; ALMEIDA FILHO, 2003), principalmente quando concebem a saúde como dividida em promoção da saúde e proteção específica, contemplando, na esfera da promoção de saúde, medidas como moradia, lazer, alimentação e educação. Assim, procurou-se considerar os efeitos biofisiológicos advindos das aulas de Educação Física, inserindo-os em uma configuração política e histórico-cultural.

Os testes que determinam a aptidão física, por exemplo, podem auxiliar em atividades pedagógicas, porém não devem ser determinantes para estabelecer se um indivíduo é saudável ou não, apto ou não. Valores de percentual de gordura ou de componentes aeróbicos devem ser entendidos como aspectos importantes de uma série de relações; os aspectos físicos são mais um coeficiente no sentido de ajudar a entender a saúde de um sujeito. Os aspectos socioeconômicos, no entanto, podem ser limitadores do desenvolvimento de qualquer capacidade física subsequente. Conforme estabelece Nahas (NAHAS, 2003), a flexibilidade, a força, a resistência muscular, a capacidade cardiorespiratória e o percentual de gordura são etapas fundamentais na predição da aptidão física de um indivíduo, mas um discurso profissional deve estar ciente de que outros determinantes podem fortalecer ou fazer desaparecer tais aspectos.

A tarefa de debater a saúde no campo escolar entra em choque uma série de tradições e de discursos muitas vezes conflitantes. Nesse sentido, uma reformulação curricular na formação dos profissionais de Educação Física poderia contribuir para modificar certas concepções que, constantemente, conclamam estar tratando de saúde, enquanto, na verdade, se pautam por uma prática isolada, que não leva em conta os condicionantes sociais que atuam sobre a saúde de todo e qualquer sujeito.



#### 4. A estratégia do filme: Super Size Me

A utilização de equipamentos audiovisuais pode ser um elemento que contribui para enriquecer as práticas pedagógicas e para tornar mais atrativas certas informações, facilitando determinadas trocas de experiências na escola. Os estudos da área de comunicação e educação e principalmente as críticas advindas da chamada “pedagogia cultural” têm enfatizado que as escolas, de um modo geral, ainda estão bastante atrasadas no que se refere à sua disposição e capacidade de se apropriar das novas tecnologias como um recurso capaz de contribuir para tornar as aulas mais atraentes, mais diversificadas e mais próximas da cultura dos alunos.

Milton José de Almeida (ALMEIDA, 1994) destaca que os filmes e outras obras artísticas são produtores de cultura e também que “sua utilização na educação é importante porque trazem para a escola aquilo que ela se nega a ser e que poderia transformá-la em algo vívido e fundamental”.

Na experiência realizada, tentou-se fazer essa aproximação com a cultura dos alunos através do filme *Super Size Me* (*Super Size Me*, 2004). A escolha pelo filme se deu pela sua relação com o tema da saúde e pelas supostas afinidades com o público com o qual se trabalhou. No filme, o protagonista alimenta-se durante um mês exclusivamente por lanches do McDonald's, fazendo uma crítica ao consumismo e à cultura alimentar americana. Através do filme é possível analisar questões como: o hábito alimentar inadequado; o estilo de vida sedentário; a cultura da globalização e homogeneidades alimentares; o papel e o comprometimento da mídia para com as grandes corporações; a universalização das necessidades; etc.

O debate de tais questões constitui-se em uma proposta que poderia facilmente extrapolar as aulas de Educação Física e ser incorporada também por outras disciplinas. É preciso ressaltar, no entanto, que os componentes pedagógicos propostos no estágio foram concebidos tendo por base quem seriam os alunos e qual a realidade por eles vivenciada, não sendo, dessa forma, aplicáveis a qualquer escola pública.

Para que essa experiência pudesse acontecer, foi necessária uma articulação que envolveu um convite aos professores das outras disciplinas, procurando ampliar o público de alunos, incluindo também os do sexo masculino do terceiro ano.

Assim, 44 alunos integraram a proposta. Especificamente para as alunas foram entregues algumas perguntas reflexivas norteadoras que deveriam ser respondidas. As reflexões procuraram instigar a opinião delas sobre alimentação, importância de exercícios físicos, bem como uma avaliação sobre a pertinência de atividades como aquela em aulas de Educação Física. Procurou-se estabelecer, então, um diálogo entre os conteúdos de saúde, foco maior de nosso interesse, e uma visão crítica a respeito do filme.

Especificamente sobre a validade da proposta (utilização de um filme com um tema geral) em aulas de Educação Física a avaliação mostrou que praticamente todas as alunas foram favoráveis a atividades dessa natureza. Como uma ilustração das opiniões legitimando a ação, seguem duas avaliações redigidas por elas:

Educação Física não é simplesmente jogar futebol, correr. É também alertar sobre benefícios do esporte, enfim tratar da saúde e bem estar do corpo (...) seja através de filmes, palestras, reportagens e isso só tem a acrescentar a uma boa aula de Educação Física, (J.G, 17 anos, 3º ano, 2006).

Na mesma linha do comentário anterior, situa-se a avaliação de A.P., 17 anos, 3º ano (2006), quando salienta: “É dever da escola informar ao aluno sobre o que possa ser útil em sua formação, seja em caráter profissional ou como lição para toda a vida”.

#### 5. Considerações Finais

A decisão pedagógica de utilizar como ferramenta metodológica o recurso de debater, em sala de aula, temas relacionados à saúde mostrou-se adequada. Mostrou, também, ser uma estratégia possível de ser utilizada para se repensar o próprio conceito de saúde e os discursos que a Educação Física vem referendando a partir do uso que ela faz desse conceito.

Situar o debate da saúde sem se limitar apenas aos efeitos biofisiológicos da atividade física nem sempre é uma tarefa fácil, principalmente por ser uma preocupação bastante recente nos debates acadêmicos e nas produções teóricas da área. Ainda assim, parece importante que ela não fique restrita apenas aos espaços das universidades e que aconteça também no cotidiano da Educação Física escolar, respeitando sempre o contexto local.

Um dos cuidados que se teve ao implementar esse desafio curricular foi o de buscar auxílio em diversos recursos didáticos, lançando mão de oficinas teórico-práticas, debates, filmes, etc. Ou seja, procurou-se alternativas para envolver os alunos, recursos e estratégias múltiplas que fossem capazes de auxiliar a (re) significar o próprio conceito de saúde, mostrando que o tema não envolve apenas proibições e está muito próximo e relacionado com as experiências que eles (alunos) vivenciam no seu dia-a-dia.

Cabe ainda destacar que essa experiência talvez ajude a consolidar a posição de que é possí-

vel trabalhar o tema saúde no ambiente escolar. É imprescindível, contudo, que se leve em conta o fato de que a intervenção foi restrita a um pequeno grupo de alunos e de que tal experiência deve, portanto, ser adaptada a outras realidades, onde, talvez, não se obtenha o mesmo êxito.

Por fim, considera-se que seria importante uma maior divulgação e socialização de experiências pedagógicas similares a esta independente de seus resultados, a fim de que pudessem contribuir para ampliar e qualificar um pouco mais o debate e o desafio aqui lançado.

## Referências Bibliográficas

- BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. DA ROS, M. (Orgs.). *A saúde em debate na Educação Física* – Vol. 2. Blumenau: Nova Letra, 2006.
- COOPER, C.L.F.; SAYD, J.D. Concepções de saúde nos parâmetros curriculares nacionais. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Orgs.) *A saúde em debate na Educação Física* – Vol. 2. Blumenau: Nova Letra, 2006.
- AZEVEDO JUNIOR, M.R.; ARAÚJO, C.L.; PEREIRA, F.M. Atividades físicas e esportivas na adolescência: mudanças de preferências nas últimas décadas. *Revista Brasileira de Educação Física e Esportes*, v.20, n.1, p.51-58, jan./mar. 2006.
- FERREIRA, M.S. Aptidão física e saúde na educação física escolar: ampliando o enfoque. *Revista brasileira de ciências do esporte*, v. 22, n. 2. p. 41-54, jan. 2001.
- MORÍN, E. *Introdução ao pensamento Complexo*. Sulina. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- MORÍN, E. Ensinar a condição humana. In: *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 8. ed, Cortez, 2003.
- BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A.; VASCONCELLOS-SILVA, P.R. Sedentarismo, nós e o mundo (im) possível no contexto da ciência. *Rev Saúde Pública*; v. 41, n. 5. p.862-64, 2007.
- ROUQUAYROL, M.Z.; ALMEIDA FILHO, N. *Epidemiologia e Saúde*. 6. ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 2003.
- NAHAS, M. V. *Atividade física, saúde e qualidade de vida*. 3. ed. Londrina: midiograf, 2003.
- ALMEIDA, M. J. *Imagens e Sons: a nova cultura oral*. São Paulo: Cortez, 1994.
- Super Size me – A dieta do palhaço (BR). Morgan Spurlock. Estados Unidos, 2004. 100 minutos: legenda, colorido, 16mm.

### Endereço

Marechal Deodoro 1160 - 3º piso  
CEP: 96020-220  
Fone - fax: 55 53 32841300  
E-mail: alan\_knuth@yahoo.com.br